

Colóquio “Da Investigação à Prática: interacções e debates”

“A educação intercultural na aula de línguas: Partilha de experiências”

Mónica Bastos (mbastos@dte.ua.pt) – Universidade de Aveiro
Maria Albertina Abreu (tina_af@hotmail.com) – ES/3 Marques Castilho
Corália Almeida (ca_13dez@hotmail.com) – ES/3 Adolfo Portela
Luísa Assunção (lmassuncao@netvisao.pt) – ES/3 Adolfo Portela
Emília Baptista (emilia.batista@netvisao.pt) – ES/3 Marques Castilho
Lucinda Bento (lmsbento@gmail.com) – ES/3 Marques Castilho
Maria Soledade Matos (soledadematos@esmcastilho.pt) – ES/3 Marques Castilho
Alda Rita (rita.alda@gmail.com) – ES/3 Marques Adolfo Portela

Resumo

No seio de sociedades cada vez mais plurilingues e multiculturais, coloca-se à escola o desafio de cultivar uma compreensão mútua, promotora de relações de cooperação entre os diversos cidadãos, no sentido de os preparar para participar no diálogo intercultural, *leit-motiv* que a Comissão Europeia definiu para o ano de 2008.

Dadas as características do objecto de ensino/aprendizagem das disciplinas de línguas, este assume-se como um local privilegiado para a preparação dos alunos para esta realidade. Aliás, as actuais políticas educativas nacionais e europeias apontam para uma mudança nas finalidades do ensino das línguas, no sentido de fomentar, nos alunos, o desenvolvimento de competências plurilingues e interculturais. Mas, para que estas competências sejam trabalhadas em contexto escolar, nomeadamente nas práticas curriculares das disciplinas de línguas, importa que os contextos e sistemas de formação de professores tenham em conta, entre outros aspectos, os pressupostos de uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo.

Neste Atelier, num primeiro momento, apresentaremos sucintamente os princípios estratégicos de formação, as etapas e as actividades propostas no âmbito da oficina de formação “O Professor de Línguas Intercultural: do mundo virtual ao contexto escolar do mundo virtual ao contexto escolar”¹, concebida dentro dos pressupostos didácticos atrás referidos e dinamizada no primeiro semestre de 2007, com um grupo de 7 professoras do concelho de Águeda (Aveiro).

Uma vez que um dos eixos motrizes desta oficina de formação prendeu-se com desenvolvimento colaborativo de projectos de acção pensados dentro dos pressupostos da

¹ Oficina de formação acreditada pela Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (certificado de acreditação número CCPFC/ACC-46955/06)

perspectiva didáctica atrás mencionada, num segundo momento, os professores/formandos apresentarão os projectos de acção que planificaram, implementaram e avaliaram, partilhando as actividades propostas, os materiais utilizados e o feedback dos seus alunos.

Por fim, reflectir-se-á acerca das possibilidades e constrangimentos da adopção de uma abordagem escolar das línguas orientada segundo os princípios de uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo.

Apontamentos introdutórios...

Nas últimas décadas, Portugal, país monolíngue e monocultural por tradição, tem vindo a tornar-se gradualmente num país cada vez mais complexo do ponto de vista linguístico e cultural, com um crescente número de imigrantes oriundos essencialmente de países africanos e do Leste europeu (Alto Comissariado para a Integração de Minorias Étnicas, 2005; Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2005).

Consequentemente, as nossas escolas são, actualmente, mais diversas linguística e culturalmente (Dionízio, 2005). Esta realidade reforça o papel educativo da escola, chamando a atenção para uma das dimensões da Educação para a Cidadania Democrática: a dimensão intercultural (Conseil de l'Europe, 2003: 19).

Neste quadro, as mais recentes orientações para o ensino das línguas, quer do Conselho da Europa, quer do Ministério da Educação português, apontam para uma mudança nas finalidades educativas do ensino das línguas: desenvolver as competências plurilingue e intercultural (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – QECR - e Currículo Nacional do Ensino Básico - CNEB), em detrimento da ênfase tradicionalmente colocada no desenvolvimento da competência linguística, tendo como modelo o falante nativo da língua-alvo, objecto de ensino/aprendizagem.

Contudo, apesar desta mudança de paradigma no ensino das línguas, inserido numa Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo, alguns estudos (Dionízio, 2005) mostram que o desenvolvimento de competências plurilingues e interculturais é dificilmente transponível para a escola e praticamente inexistente nas práticas curriculares, o que pode indiciar que os professores de línguas sentem ainda algum desconforto em relação a esta abordagem didáctica. Esta constatação leva-nos a concluir que, se se pretende que estas competências sejam operatórias nas práticas curriculares das aulas de línguas, importa que o professor desenvolva competências (pessoais e profissionais) que lhe permitam gerir e valorizar a diversidade linguística e cultural em contextos de ensino/aprendizagem, isto é, importa apostar na formação dos professores de línguas nesta área

Cientes destas necessidades de formação, idealizámos, planificámos e fizemos acreditar a oficina de formação *O Professor de Línguas Intercultural: do mundo virtual ao contexto escolar*. Esta oficina de formação foi implementada no primeiro semestre do ano de 2007,

tendo contado com a participação de sete professores de Quadros de Escola de duas escolas secundárias do concelho de Águeda (Aveiro): a ES/3 Adolfo Portela e a ES/3 Marques Castilho.

Neste Atelier, começaremos pela explicitação do quadro teórico que sustentou o programa de formação e, seguidamente, explicitaremos os princípios estratégicos de formação que estiveram na sua génese, bem como os eixos de formação propostos. Posteriormente, apresentaremos os projectos de investigação-acção desenvolvidos colaborativamente no âmbito da acção de formação, incidindo sobre a planificação do projecto, as actividades dinamizadas, os materiais utilizados e a avaliação dos projectos feita pelos alunos. Finalmente, a partir dos projectos apresentados, reflectiremos acerca das potencialidades e limites de uma abordagem escolar das línguas orientada segundo os princípios de uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo

1. Coordenadas de um percurso de formação...

1.1. Apontamentos teóricos

Conceitos associados ao plurilinguismo, como o de educação intercultural, intercompreensão, competência plurilingue, competência intercultural, entre outros, têm emergido no discurso da Didáctica das Línguas nos últimos anos. Estes conceitos ainda não estão totalmente estabilizados e têm estado na origem de bastantes discussões e reflexões teóricas. Apesar de não pretendermos, neste Atelier, contribuir para essas reflexões teóricas, para melhor fundamentar a nossa proposta de formação de professores de línguas, sentimos necessidade de explicitar, ainda que de uma forma muito breve e sucinta, a forma como encaramos alguns destes conceitos, que se configuram como noções-chave no quadro deste estudo:

Intercompreensão:

- Capacidade de comunicação alargada, que se quer plurilingue e intercultural (Melo, 2006);
- Está associada à capacidade de saltar barreiras e obstáculos linguísticos e comunicativos e inclui « diversification, plurilingualism, multiculturalism, language transfer, code-switching, language comparisons, comprehension strategies, language learning strategies and much more besides » (Pomphrey, 1999: 84);
- Dado o seu carácter relacional e formativo, « l'acquisition et la promotion de l'intercompréhension ouvrent d'intéressantes possibilités d'éducation interculturelle » (Doyé, 2005 : 11), o que faz deste conceito a grande finalidade do ensino/aprendizagem de línguas (Pinho, 2008).
(para uma maior entendimento da nossa concepção de intercompreensão quando aplicada em contextos de formação de professores de línguas, consulte a secção 1.2).

Competência Intercultural:

- Capacidade para interagir com falantes de outras línguas na sua própria língua (Byram, 1997: 70);
- Compreende 5 dimensões (idem): conhecimento (saber sobre os outros grupos sociais e respectivas culturas e sobre os processos de interacção com o Outro; auto-conhecimento); atitudes (disposições do próprio sujeito, como atitudes de curiosidade, disponibilidade, abertura e respeito para com a cultura do Outro, reconhecimento do relativismo da sua cultura, ...); habilidades para interpretar e relacionar e habilidades para descobrir e interagir (capacidades para compreender documentos ou acontecimentos de outras culturas, para adquirir novos conhecimentos neste domínio e para agir de forma apropriada em situação de comunicação exolingue); consciência cultural crítica

(capacidades de avaliação crítica das culturas em interação e implicação no papel de mediador intercultural).

Competência Plurilingue:

- “Competência que (...) não se espera perfeita mas que se compreende como particular a um determinado indivíduo, dinâmica, heterogénea, compósita, desequilibrada, onde se reequaciona sistemática e continuamente a relação entre os diferentes saberes linguísticos e culturais” (Ana Isabel Andrade et al, 2003: 493);

- Compreende quatro dimensões que se relacionam entre si (idem): gestão dos repertórios linguístico-comunicativos (capacidade do sujeito rentabilizar a experiência adquirida aquando da vivência de situações de comunicação plurilingues e interculturais); gestão da interação (capacidades do sujeito para gerir os processos interactivos próprios das situações de comunicação exolingue); gestão dos repertórios de aprendizagem (capacidade do sujeito rentabilizar, em situação de comunicação plurilingue, os diferentes processos e meios de aprendizagem que foi adquirindo ao longo da sua experiência enquanto sujeito de linguagem); e gestão da dimensão sócio-afectiva (conjunto de vontades, predisposições, motivações, atitudes e qualidades que o sujeito manifesta em relação às línguas, às culturas, aos interlocutores e à própria situação de comunicação).

Como se pode depreender da breve definição apresentada de cada um destes conceitos, intercompreensão, competência plurilingue e competência intercultural são conceitos indissociáveis, que remetem uns para os outros, interpenetrando-se e completando-se mutuamente. Esta indissolubilidade é bem visível no QECR (2001), onde as competências plurilingue e intercultural surgem sempre ligadas, não se distinguindo entre si, e são relacionadas com a educação intercultural e intercompreensão entre os povos.

Tratam-se, portanto, de conceitos com uma forte pertinência educativa, frequentemente associados à educação para a cidadania e para a paz, uma vez que trabalhá-los em contexto de ensino/aprendizagem pode contribuir fortemente para a valorização da diversidade linguística e cultural e para o respeito para com o Outro.

O valor educativo destes conceitos acaba por ser reforçado pelo facto da educação intercultural constituir uma das dimensões da Educação para a Cidadania Democrática, o que implica, logo à partida, que a escola tenha um importante papel na formação intercultural dos seus alunos. Dadas as características do objecto de ensino/aprendizagem das disciplinas de línguas, o seu espaço curricular é “un lieu d’ancrage idéal de celle-ci [l’éducation interculturelle], puisque, c’est par les langues qu’est le plus immédiatement rendue possible, y compris à distance, une expérience significative de l’altérité” (Beacco, 2005: 21).

Perante estas responsabilidades do espaço curricular das línguas, alguns papéis tradicionalmente atribuídos ao professor de línguas, como o de mediador/actor social, são agora revisitados (Bastos & Araújo e Sá, no prelo^a). Esta tendência tem, como é óbvio, repercussões ao nível da formação de professores de línguas, nomeadamente no que se refere à preparação destes professores para valorizar, gerir e trabalhar a diversidade linguística e cultural na sala de aula.

1.2. Dimensões e princípios de formação

Cientes destas necessidades de formação e partindo do pressuposto que um trabalho sobre o plurilinguismo e o intercultural implica, por um lado, que o professor valorize a diversidade linguística e cultural e esteja consciente do seu papel enquanto mediador e actor social, e, por outro lado, que consiga explorar essa diversidade com os seus alunos em contextos de educação, planificámos, fizemos acreditar e implementámos a oficina “O Professor de Línguas Intercultural: do mundo virtual ao contexto escolar”, que se constitui como objecto deste estudo.

Antes de passarmos à descrição da proposta formativa, começaremos por explicitar os princípios e pressupostos de formação que estiveram na base da sua concepção que, como já referimos noutros lugares (Bastos & Araújo, 2007 e Bastos & Araújo e Sá, no prelo^b) estão intimamente ligados ao conceito de intercompreensão advogado por Andrade e Pinho (2003).

Para estas autoras, este conceito supõe 3 dimensões indissociáveis, passíveis de integrarem programas de formação de professores orientados para a intercompreensão: *a dimensão social e política, a pessoal e a didáctica*. A *dimensão social e política* está ligada à compreensão do valor educativo das línguas na resolução de conflitos culturais e políticos. A *dimensão pessoal* está intimamente ligada ao carácter único, particular e individual da intercompreensão, resultado de experiências plurilingues e interculturais de cada um, das suas representações e predisposições em relação às línguas, às culturas e aos povos, etc. A *dimensão didáctica* engloba competências profissionais para organizar o processo de ensino/aprendizagem de línguas com base numa didáctica da intercompreensão.

Estas dimensões podem ser trabalhadas em programas de formação, cujos princípios subjacentes são, na perspectiva de Araújo e Sá (2003), os seguintes : i) *Princípio Inter-* : relativo à importância da experimentação de diversas situações de interacção, de circulação e de diálogo entre os sujeitos, as línguas e as culturas, as disciplinas escolares, os professores...; ii) *Princípio Pluri-* : ligado à valorização do plurilinguismo e a conceitos como diversidade (linguística, cultural), competência plurilingue e competência intercultural, ecletismo metodológico...; iii) *Princípio Meta-* : referente ao desenvolvimento de práticas reflexivas a propósito das línguas, da comunicação, dos processos de ensino/aprendizagem... ; iv) *Princípio Ex-* : correspondente à ideia de desocultar conceitos e factores relativos ao próprio sujeito em formação e outros factores que possam ter implicações nas situações de aprendizagem e de utilização das línguas.

Este foi o quadro teórico que sustentou a planificação, preparação e implementação da oficina de formação que passamos a descrever.

2. Roteiro de um percurso de formação...

Esta oficina de formação, composta por quinze sessões, num total de 50 horas (40h presenciais e 10h de trabalho autónomo), decorreu entre os meses de Janeiro e Julho de 2007, contando com a participação de sete professores de línguas (Português, Inglês e Francês) pertencentes ao Quadro de Escola de duas escolas secundárias da região de Águeda, distrito de Aveiro: ES/3 Adolfo Portela e ES/3 Marques Castilho.

O percurso de formação proposto (cf. anexo 1) organizou-se em torno de quatro eixos de formação, concebidos como espaços articulados, que se tocam, estabelecendo relações recíprocas e interdependentes. As dimensões e princípios de formação mencionados na secção 1.2 foram tidas em consideração, como ilustra o esquema abaixo:

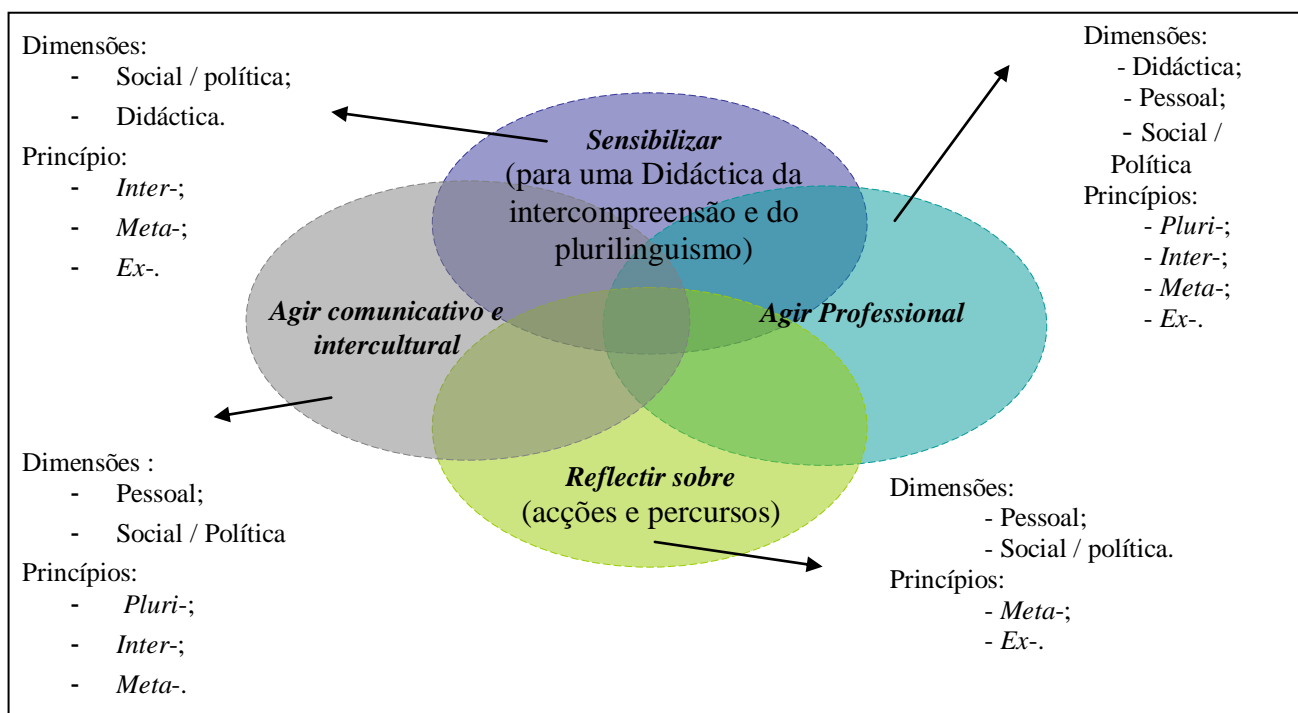


Figura n.º 1 – Eixos de Formação da oficina de formação

Apesar de não ser nosso intuito a apresentação do percurso de formação (esse é o objectivo de outros trabalhos, como por exemplo Bastos & Araújo, 2007 ou Bastos & Araújo e Sá, no prelo^b), faremos de seguida uma breve descrição de cada um dos eixos de formação para melhor contextualizar os projectos de investigação-acção desenvolvidos pelos professores/formandos no âmbito da acção de formação, projectos estes que serão apresentados na secção 3 e cuja partilha e discussão constituem o objectivo deste Atelier.

Sensibilizar (para uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo):

No que se refere a este eixo de formação, que, como a própria denominação indica, incidiu em actividades que visavam sensibilizar os formandos para as potencialidades de uma abordagem didáctica orientada para a Intercompreensão e o Plurilinguismo, estes

tiveram a oportunidade de: i) aprofundar o seu conhecimento sobre os conceitos-chave desta oficina (competência plurilingue, competência intercultural e intercompreensão); ii) analisar propostas didácticas concebidas no quadro de uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo; iii) reflectir sobre a natureza formativa do espaço curricular das línguas; iv) reflectir sobre as potencialidades e limitações da adopção de uma Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo.

Reflectir Sobre (acções e percursos):

Apesar de ter sido concebido como um eixo de formação independente, este acabou por ser transversal a todo o percurso formativo, uma vez que os professores transpuseram para este eixo as reflexões decorrentes das experiências de formação que foram tendo no âmbito dos outros três eixos de formação, nomeadamente à medida que foram preenchendo o *e-Portfolio Professional*, (re)desenhando o perfil profissional, linguístico-comunicativo e intercultural e registando as impressões (expectativas, dificuldades, limitações, potencialidades, medos...) sobre as experiências de formação nos diários de bordo.

Agir Comunicativo e Intercultural :

Enformado por uma abordagem accional e experimental da formação de professores e partindo do pressuposto que a melhor forma de desenvolver a competência plurilingue e intercultural dos professores em formação é colocá-los em acção, criar condições para que experienciem situações de contacto entre línguas e culturas, levámo-los a participar na sessão “Entre Línguas e Culturas” da plataforma *Galanet*². Assim, os professores estiveram implicados nas tarefas de cada fase da sessão (*quebrar o gelo / escolha do tema; turbilhão de ideias; recolha de documentos e debate; dossier de imprensa*), para construir, em colaboração, um documento plurilingue demonstrativo das trocas linguísticas e culturais que tiveram lugar na plataforma: o dossier de imprensa (para saber mais, consultar o site do projecto: www.galanet.eu).

Para além disso, e porque temos consciência de que a participação na plataforma *per si* não basta para trabalhar as várias dimensões da formação de professores para a intercompreensão, tal como a entendemos, as actividades decorrentes das várias fases da sessão na plataforma foram complementadas por outras provenientes dos restantes eixos de formação, umas carácter mais reflexivo, outras de natureza mais experimental e outras ainda de cariz metalinguístico.

Agir profissional :

Os formandos desenvolveram colaborativamente três projectos de investigação-acção enformados por uma abordagem didáctica orientada para a Intercompreensão e

² GALANET (plataforma para o desenvolvimento da intercompreensão em LR) é um projecto Socrates/Lingua, coordenado pela Universidade Stendhal Grenoble 3 (França), que conta a participação de 6 instituições parceiras: Universidade de Aveiro (Portugal), Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha), Universidad Complutense de Madrid (Espanha), Università de Cassino (Itália), Université Lumière Lyon 2 (França), e Université de Mons-Hainault (Bélgica).

Plurilinguismo, visando o desenvolvimento das competências plurilingue e intercultural dos alunos: “Nós Europeus: conhecer os outros para melhor agir”, “Intercompreensão e desenvolvimento da competência de aprendizagem” e “Trabalhar sobre as representações das línguas dos alunos de uma turma do 9º ano da Escola Secundária Marques de Castilho”.

As actividades subjacentes a este eixo de formação foram organizadas em cinco etapas: escolha do tema e sua justificação; planificação do projecto e construção/adaptação de recursos didácticos; implementação; análise crítica; partilha do projecto e dos seus resultados.

Assim, os objectivos deste eixo foram o desenvolvimento de: i) competências profissionais para trabalhar a intercompreensão e o plurilinguismo em contextos de ensino/aprendizagem de línguas; ii) competências de investigação, nomeadamente capacidades para participar em projectos de investigação-acção; iii) competências interpessoais, em particular capacidades para integrar equipas constituídas por professores de outras línguas.

3. Alguns frutos do percurso de formação: os projectos de investigação-acção

Como já referimos, no âmbito do eixo de formação *Agir Profissional*, os professores, distribuídos por grupos, foram chamados a conceber, planificar, implementar e avaliar projectos de investigação-acção. Foram concebidos três projectos de investigação-acção, mas, devido a limitações temporais colocadas pela calendarização do final das actividades lectivas no 9º ano de escolaridade, ano onde um dos projectos seria desenvolvido, apenas dois foram implementados e avaliados.

Por este motivo, neste Atelier, focalizar-nos-emos mais em pormenor nos dois projectos de investigação-acção desenvolvidos, implementados e avaliados, a saber: “Nós Europeus: conhecer os outros para melhor agir” e “Intercompreensão e desenvolvimento da competência de aprendizagem”. Assim, além de apresentar a planificação do projecto de investigação-acção e alguns dos recursos didácticos utilizados, partilharemos e discutiremos os resultados a que os formandos chegaram no que se refere ao *feedback* dos seus alunos. Quanto ao terceiro projecto, “Trabalhar sobre as representações das línguas dos alunos de uma turma do 9º ano da Escola Secundária Marques de Castilho”, descreveremos apenas as actividades planeadas.

Neste texto, dadas as limitações de espaço, limitarnos-emos à apresentação dos projectos de investigação e a uma breve análise crítica dos dois projectos que foram efectivamente implementados e avaliados e não iremos apresentar os materiais didácticos utilizados em nenhum dos projectos de investigação.

Importa referir ainda que baseámos a descrição dos projectos, bem como a sua análise crítica, nos guiões³ para o desenvolvimento dos projectos e no PowerPoint apresentado ao grupo de formandos na última sessão de formação como forma de partilha dos seus projectos e da avaliação crítica efectuada.

“Nós, europeus: conhecer os outros para melhor agir”

Movidos pela vontade de levar para a sala de aula um tema actual como o da identidade e cidadania europeias, bem como pelo empenho em “fazer da aula de línguas um espaço de trabalho sobre o intercultural e a intercompreensão”, desenvolvendo competências e ganhando experiência no tratamento deste tipo de questões em sala de aula, as três professoras que constituíam este grupo de trabalho desenvolveram um projecto direccionado a uma turma de Francês do 11º ano (nível II).

Ancorando o seu projecto na Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo, definiram como conceitos-chave do seu estudo a educação intercultural, a intercompreensão e os estereótipos. Os seus objectivos de investigação foram: “identificar as representações dos alunos face às culturas europeias” e “descrever/analisar as implicações da experiência nas representações dos alunos”.

Neste quadro, dividiram a implementação do projecto por três aulas de 90 minutos, propondo aos alunos as seguintes actividades:

1ª aula:

- Preenchimento de questionário relativo às representações dos alunos relativamente aos diferentes povos europeus e ao que é ser europeu;
- Leitura e interpretação da banda-desenhada “Les Français tels qu’ils sont”, de Eugène Collillieux (publicada no n.º 326 da revista *Le Français dans le Monde*);
- Reflexão em torno dos conceitos de discriminação, estereótipo, atitude e preconceito.

2ª aula:

- Visionamento do filme “L’Auberge Espagnole” e preenchimento de um guião de leitura;
- Pequena reflexão escrita em torno das actividades.

3ª aula:

- Discussão sobre o filme com base no guião (orientada para a desconstrução de representações e estereótipos);
- Novo preenchimento do questionário distribuído da primeira aula.

Quadro n.º 1 – Síntese das actividades do projecto de investigação-acção

Nós Europeus: conhecer os outros para melhor agir

Para avaliar o seu projecto, e em particular as eventuais implicações das suas estratégias de formação nas representações e estereótipos dos seus alunos, os professores em formação recorreram ao questionário passado na primeira e última aulas.

³ Estes guiões contêm as seguintes informações: tema do projecto; motivações pessoais e/ou profissionais que estiveram na base da escolha do tema; conceitos-chave; teorias, modelos ou autores de referência; questão/questões de investigação; objectivo(s) de investigação; modo de avaliação do projecto / instrumentos de recolha de dados; participantes; e esboço do projecto de acção.

Através de uma análise comparativa das respostas dadas pelos alunos, puderam verificar que, no que se refere às representações do que é ser europeu, parece não ter havido grandes alterações nas suas concepções. Para estes alunos, ser europeu é “ser pela paz e procura de harmonia entre os povos”, “partilhar mantendo a sua cultura, tradições e religiões” e “ser um cidadão de um dos países da União Europeia” (as três opções mais votadas pelos alunos tanto no questionário inicial como no final). No questionário final, os alunos referiram ainda a opção “é falar a sua língua materna e o Inglês”, o que pode ter a ver com o facto de, no filme visionado, esta língua ser apresentada como a língua de comunicação entre alguns dos habitantes da residência estudantil. Na nossa perspectiva, este poderia ter sido um dos aspectos a desconstruir no âmbito deste projecto, no sentido de não se valorizar tanto o Inglês como *língua franca*, mas, dadas as limitações temporais, não foi possível.

Relativamente à imagem que os alunos têm dos europeus, “à excepção do português e do italiano, que se mantém positiva desde o início, a concepção dos outros evoluiu favoravelmente”, ressaltando-se o caso do “inglês, cuja imagem negativa tende a acentuar-se” (talvez devido à influência de uma das personagens inglesas no filme visionado).

Por estes motivos, o balanço deste projecto de investigação-acção foi bastante positivo, já que os objectivos previamente delineados foram alcançados, apesar do carácter exploratório e isolado do projecto, realidade para a qual os formandos estão consciencializados e pretendem mudar.

“Intercompreensão e desenvolvimento da competência de aprendizagem”

O grupo de duas formandas responsável por este projecto de investigação-acção apontou como motivações o desenvolvimento de competências pedagógico-didáticas e de investigação.

A questão de investigação que orientou o seu estudo foi a seguinte: “Ao implementar estratégias de intercompreensão nas aulas de línguas estamos a desenvolver capacidades de aprendizagem?”. Neste sentido, apontaram para três objectivos centrais do projecto: “identificar factores que conduzem aos processos de intercompreensão”; “estabelecer uma relação entre o desenvolvimento da competência de intercompreensão e a aprendizagem de línguas” e “explicitar os benefícios resultantes da competência de intercompreensão na aprendizagem de línguas”.

Tal como as colegas, dividiram a implementação do projecto em três aulas de 90 minutos, propondo aos seus alunos (turma que partilhavam no 7º ano do Ensino Básico) as seguintes actividades:

1ª aula:

- Caracterização do perfil dos aprendentes de línguas – *biografia linguística*;
- Exercícios com actividades promotoras de estratégias de intercompreensão (identificação de línguas, descodificação de sentido, identificação de intenções de comunicação);
- Depoimentos reflexivos sobre as actividades realizadas.

2ª aula:

- Reforço de exercícios com actividades promotoras dos processos de intercompreensão (identificação de línguas, resumo/tradução da mensagem de textos, identificação de vocabulário específico, associação de línguas por famílias e identificação de semelhanças entre línguas).

3ª aula:

- Questões reflexivas sobre as actividades realizadas;
- Inquérito final.

Quadro n.º 2 – Síntese das actividades do projecto de investigação-acção
Intercompreensão e desenvolvimento da competência de aprendizagem

No que se refere à avaliação dos projectos, as formandas recorreram quer às reflexões dos alunos sobre as actividades realizadas (em torno essencialmente das facilidades, dificuldades e estratégias utilizadas), quer ao inquérito final (sobre o que terão aprendido), procedendo a uma análise de conteúdo.

De acordo com os dados recolhidos, as professoras referiram que “a faixa etária destes alunos e as suas experiências vivenciais pareceram-nos factores que condicionaram de forma redutora a activação do seu repertório de aprendizagens linguísticas”, concluindo que o pouco (ou nenhum) recurso a este tipo de actividades em contextos de sala de aula não tem permitido aos alunos o desenvolvimento de competências de gestão dos seus repertórios linguístico-comunicativos e de aprendizagem em situações de contacto com outras línguas.

Perante estes resultados, as professoras referiram que “a implementação sistemática deste tipo de actividades na sala de línguas pode vir a contribuir de forma razoável para o desenvolvimento da competência da intercompreensão”, evidenciando uma forte consciencialização do valor educativo das línguas e da *dimensão política e social* da intercompreensão: “ao planificarmos a aprendizagem de línguas numa perspectiva de intercompreensão estaremos, certamente, a formar cidadãos mais plurilingues e, consequentemente, mais abertos ao Outro, mais capazes e mais auto-confiantes na interacção social multicultural”.

Assim, parece-nos que o desenvolvimento deste projecto de investigação-acção foi bastante profícuo, quer para os alunos, quer para as professoras envolvidas. Para os alunos, porque tiveram a sua primeira experiência plurilingue em sala de aula e, pela primeira vez, os seus professores de línguas estrangeiras trabalharam juntos, orientando-os no estabelecimento de pontes entre línguas e no recurso aos seus conhecimentos linguísticos pré-adquiridos. Para as professoras, porque pareceram ter desenvolvido algumas das competências didácticas e investigativas ambicionadas, sentindo-se mais

conscientes da pertinência educativa das disciplinas de línguas e mais confiantes para continuar a desenvolver actividades enformadas por uma perspectiva didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo.

“Trabalhar sobre as representações das línguas dos alunos de uma turma do 9º ano da Escola Secundária Marques de Castilho”

Devido ao “gosto pelo ensino/aprendizagem das línguas” e com o intuito de não só “perceber as relações que os alunos estabelecem com línguas/culturas Estrangeiras e com a Língua Materna”, mas também de “compreender o lugar que as imagens das línguas e culturas adquirem para o sujeito em termos de funções, estatutos e prestígio”, tendo como objectivo último “perspectivar melhor a realidade com que trabalhamos”, este grupo de duas formandas planificou o projecto de investigação-acção que passamos a descrever. Trata-se de um projecto pensado para implementar com uma turma do 9º ano, como o próprio título indica, mas que, por questões relacionadas com questões de gestão do tempo, não chegou a ser nem implementado, nem avaliado.

Dada a sua ancoragem numa perspectiva didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo, conceitos como interculturalidade, intercompreensão, diversidade linguística, representações sobre as línguas e prestígio das línguas foram escolhidos pelas formandas como os conceitos-chave do seu projecto. Quanto aos modelos e às teorias de referências, autores como Andrade, Araújo e Sá, Doyé, Ghiraldello, Pinto, Schmidt e documentos orientadores emanados do Conselho da Europa foram mencionados.

O grande objectivo de investigação definido pelas formandas foi “contribuir para a valorização da diversidade linguística e cultural dos alunos de uma turma do 9º ano do ensino básico da Escola Secundária Marques de Castilho”, objectivo que pretendiam alcançar através das respostas às seguintes questões de investigação: “que representações manifestam os alunos em relação aos povos / às línguas?” e “as representações que os alunos apresentam das línguas são passíveis de ser trabalhadas?”.

É de salientar que a definição deste tema e deste objectivo para o presente projecto de investigação-acção surgiu na sequência do tratamento dos dados de um questionário de caracterização da diversidade linguística da escola em questão, no qual as formandas identificaram várias evidências relativas às representações negativas dos alunos face às línguas e à diversidade linguística e cultural, nomeadamente no que se refere às línguas e culturas crioulas.

Assim, as actividades planificadas, previstas para dois blocos de 90 minutos, relacionam-se essencialmente com as representações dos alunos em relação às línguas crioulas, tendencialmente menos prestigiadas pelos alunos, tal como se pode verificar abaixo:

1ª aula:

- Audição da canção de Sara Tavares “Voá Borboleta”
- Identificação do tema, levantamento de vocábulos de origem crioula e ligação com outros vocábulos de origem crioula
- TPC- recolha de vocabulário de origem africana junto de familiares e amigos para a construção de um glossário; selecção de autores de origem africana conhecidos pelos alunos e preparação de uma apresentação em PowerPoint.

2ª aula:

- Apresentação de um PowerPoint alusivo a autores africanos de expressão portuguesa
- Exploração de um texto, de um destes autores, escolhido pelos alunos
- Inquérito aos alunos sobre o prestígio das línguas africanas.

Quadro n.º 3 – Síntese das actividades do projecto de investigação-acção *Trabalhar sobre as representações das línguas dos alunos de uma turma do 9º ano da Escola Secundária Marques de Castilho*

Como se pode depreender pela breve descrição acima, este era um projecto cheio de potencialidades, nomeadamente porque se alicerçava na constatação de um problema real daquele contexto escolar: o desprestígio das línguas e culturas crioulas. Infelizmente, a sua implementação não se proporcionou, o que, no nosso entender, foi lamentável. Contudo, dado as potencialidades das pistas de intervenção didáctica para que o projecto aponta, decidimos inclui-lo também no âmbito deste Atelier.

Apontamentos finais...

O objectivo deste Atelier é a apresentação e discussão dos projectos de investigação-acção desenvolvidos no âmbito da oficina de formação “O Professor de Línguas Intercultural: do mundo virtual ao contexto escolar”, promovendo a interacção entre os professores que desenvolveram esses projectos e os professores, estudantes e/ou investigadores que participem no Atelier, nomeadamente no que se refere às possibilidades e limitações da adopção de uma abordagem didáctica orientada para a Intercompreensão e Plurilinguismo nas aulas de línguas. Desta forma, é-nos totalmente impossível avançar, com antecedência, as conclusões a que os diferentes intervenientes no Atelier chegarão.

Contudo, tendo em conta a análise crítica feita aos projectos de investigação-acção implementados e desenvolvidos, é-nos possível, desde já, avançar com três das linhas de reflexão que orientarão certamente a discussão final.

A primeira linha de reflexão prende-se com a consciência de que as professoras em formação tinham do seu papel enquanto educadores e mediadores sociais e com a vontade de desempenhar essa função com profissionalismo e competência, evidente na forma como se empenharam entusiasticamente no desenvolvimento dos projectos. Contudo, devido à falta de preparação e de formação relativamente à Didáctica da Intercompreensão e do Plurilinguismo, sentiram algumas dificuldades no desenvolvimento dos projectos de

investigação-acção, nomeadamente no que se refere à planificação das actividades, à escolha/produção dos materiais pedagógico-didácticos, à gestão de línguas que não dominam na sala de aula, à gestão do tempo... (Bastos, M. & Araújo e Sá, M. H. no prelo^b). Esta constatação vai ao encontro do nosso pressuposto inicial, quando referimos que importa apostar na formação de professores nesta área.

Embora sentidas, estas dificuldades foram ultrapassadas numa perspectiva accional e experimental, pois embora inseguros e ansiosos, as formandas, sempre apoiados pelas formadoras, desenvolveram os seus projectos, implementaram-nos e discutiram-nos, chegando a resultados bastante positivos. Assim, as professoras em formação aprenderam fazendo, experimentando, reflectindo sobre as experiências, ou seja, desenvolveram as suas competências profissionais em acção e em autonomia, o que, na nossa perspectiva, constitui uma das mais-valias do percurso de formação que propusemos.

No que respeita o desenvolvimento das predisposições dos alunos para contactar com a diversidade linguística e cultural, bem como a sua cultura linguística, podemos referir que a experiência proporcionada pelos projectos de investigação-acção dos professores foi bastante proveitosa para eles. De facto, apesar de se tratarem de experiências pontuais, para alguns a primeira experiência plurilingue em contexto de ensino/aprendizagem de línguas, parecem ter contribuído fortemente, quer para a consciencialização dos alunos para as limitações e perigos dos estereótipos e para abertura em relação aos outros povos (no caso dos alunos envolvidos no primeiro projecto descrito), quer para activação de capacidade de gestão dos seus repertórios linguístico-comunicativos e de aprendizagem aquando de situações de contacto com línguas desconhecidas (no caso dos alunos envolvidos no segundo projecto).

E assim, chegamos à segunda linha de reflexão, pois, na nossa opinião, um trabalho didáctico para a Intercompreensão e para o Plurilinguismo ainda poderia ser mais proveitoso se fosse inserido efectivamente na forma de trabalhar e ensinar as línguas em contexto de sala de aula, e não apenas introduzido em experiências pontuais. Importa que os princípios desta abordagem didáctica emigrem dos textos teóricos e das orientações curriculares para o contexto real do ensino/aprendizagem das línguas, constituindo-se como fim último da educação em línguas (Pinho, 2008).

A constatação deste fosso entre o que é advogado nos textos teóricos e nas orientações curriculares e entre o que é oferecido ao nível da formação de professores e o que é feito efectivamente nas escolas, chama a atenção para uma falta de interacção e debate entre os principais actores da educação em línguas: os investigadores, os políticos, os formadores e os professores. E assim chegamos à terceira linha de reflexão que pretendemos trazer para a discussão final: a necessidade de estabelecer redes de interacção e de debate e/ou partenariados entre os vários actores da educação linguística,

no sentido de aproximar mais o que é advogado na teoria e nas orientações curriculares daquilo que é feito na prática, quer ao nível da formação dos professores, quer ao nível das práticas de sala de aula.

Em suma, importa investir em mais momentos formativos como o que o colóquio “Da Investigação à Prática: interacções e debates” visa proporcionar, pois só fazendo dialogar os diferentes actores da educação linguística é que se poderá diminuir este fosso existente entre aquilo que se considera desejável e aquilo que, dadas as possibilidades e limitações contextuais, é possível fazer efectivamente nas escolas. Para além disso, importa também apostar numa maior interacção entre os investigadores em Didáctica de Línguas e Ciências da Educação, os formadores de professores de línguas e os próprios professores para que as ofertas de formação existentes estejam mais de acordo com as necessidades sentidas, necessidades estas geralmente decorrentes das inovações no campo do ensino/aprendizagem das línguas.

Bibliografia:

- Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (2005). *Estatísticas da Imigração*. http://www.acime.gov.pt/docs/GEE/Estatisticas_GEE_2005.pdf (consultado a 8 de Setembro de 2006).
- Andrade, A. I. & Pinho, A. S. (2003). Former à l'Intercompréhension. Qu'en pensent les professeurs de langues?. *Lidil*, N.º 28, pp. 173 – 184.
- Andrade et al (2003). “Análise e construção da Competência Plurilingue – alguns percursos didácticos”. In A. Neto e tal (org.), *Didáctica e Metodologias de Educação, Percursos e Desafios*. Universidade de Évora, Departamento de Pedagogia e Educação, pp. 489 – 506.
- Araújo e Sá, M. H. (2003). Intercompreensão e Formação de Professores: barreiras, realidades, perspectivas. In A. I. Andrade & C. M. Sá, *A Intercompreensão em contextos de formação de professores de línguas: algumas reflexões didácticas* (pp. 75 – 92). Aveiro: Universidade de Aveiro Edições.
- Bastos, M. & Araújo e Sá, M. H. (2007), “O Diálogo Intercultural e o espaço curricular das línguas: uma experiência no contexto de formação contínua”. In Barca, A.; Peralbo, M.; Porto, A.; Duarte da Silva, B. e Almeida, L. (Eds.) (2007), *Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*, A Coruña / Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicopedagogía e Educación, pp. 2182 – 2194.
- Bastos, M. & Araújo e Sá, M. H. (no prelo^a). “O Professor de Línguas num Contexto Plurilingue e Intercultural: aspectos de um perfil”. *Actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - Educação para o Sucesso: políticas e actores*.

- Bastos, M. & Araújo e Sá, M. H. (no prelo^b). “Former des professeurs de langues *par et pour* l’intercompréhension: Une étude en situation de formation continue”. *Les Langues Modernes*, N. °1, 2008.
- Beacco, J. C. (2005). *Langues et Répertoires de Langues : le plurilinguisme comme « manière d’être » en Europe*. Strasbourg : Éditions du Conseil de l’Europe.
- Byram, M. (1997). *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*, Frankfurt Lodge: Multilingual Matters.
- Council of Europe (2003). *Adopted texts on education for democratic citizenship and human rights*. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (2ª ed.). Porto: Asa Editores.
- Dionízio, S. (Coord.) et al (2005). *Português Língua Não Materna – análise de inquéritos no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja Língua Materna não é o português*. www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/RelatorioFinal.pdf (consultado em 8 de Setembro de 2006).
- Melo, S. (2006). *Emergência e Negociação de Imagens das línguas em Encontros Interculturais Plurilingues em Chat*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro (não publicada).
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais* (1ª ed.). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Pinho, A. S. (2008). *Intercompreensão, Identidade e Conhecimento Profissional na formação de professores de línguas*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro (não publicada).
- Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (2005). *População Estrangeira Residente em Portugal, por nacionalidade e sexo, segundo o grupo etário*. http://www.sef.pt/estatisticas/por_ge_05.pdf (consultado a 8 de Setembro de 2006).

ANEXO I

PLANIFICAÇÃO DA OFICINA DE FORMAÇÃO

30 de Janeiro (2h30: das 18h às 20h30)	- Apresentação; - Viagem guiada à plataforma <i>Galanet</i> ; - Preenchimento da secção “O Meu Perfil” do <i>e-Portfolio Profissional</i> .
6 de Fevereiro (2h30: das 18h às 20h30)	- Aprofundamento do conceito de intercompreensão: revisão bibliográfica e definição do conceito.
13 de Fevereiro (2h30: das 18h às 20h30)	- Análise de propostas didácticas pensadas no quadro de uma didáctica da intercompreensão.
27 de Fevereiro (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : preenchimento dos perfis individuais e da equipa, contacto com os outros participantes, participação nos fóruns de discussão (fase 1); - <i>Projectos de acção</i> : esclarecimento sobre os tipos de projectos a implementar e sobre metodologias de trabalho de projecto.
06 de Março (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : participação nos fóruns e proposta de novos fóruns de discussão (fase 1); - Realização dos módulos de formação da plataforma <i>Galanet</i> ; - <i>Projectos de acção</i> : definição dos grupos e dos temas de trabalho.
13 de Março (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : participação nos fóruns, campanha pelo tema favorito e votação (fase 1); - <i>Projectos de acção</i> : idealização, planificação e entrega de uma primeira versão às formandas.
20 de Março (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : participação nos fóruns, proposta de sub-temas e contacto com os outros participantes (fase 2); - <i>Projectos de acção</i> : feedback das formandas e eventual reformulação dos projectos, selecção / produção e preparação de materiais, preparação dos instrumentos de avaliação dos projectos de acção.
10 de Abril (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : participação nos fóruns, proposta de sub-temas, negociação da distribuição dos sub-temas pelas equipas e contacto com os outros participantes (fase 2); - <i>Projectos de acção</i> : partilha e discussão dos projectos, marcação das datas de implementação.
17 de Abril (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : continuação das actividades na sessão da plataforma <i>Galanet</i> (fase 3 – participação nos fóruns, pesquisa / produção e edição de documentos relacionados com os temas em discussão, contacto com os outros participantes e participação num chat previamente marcado e subordinado a uma temática previamente definida).
24 de Abril (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : participação nos fóruns e contacto com os outros participantes (fase 3); - Trabalho de intercompreensão a partir de documentos publicados nos fóruns da plataforma <i>Galanet</i> . - <i>Projectos de acção</i> : acompanhamento do desenvolvimento dos projectos.
08 de Maio (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : redacção da síntese da rubrica da responsabilidade da nossa equipa, selecção dos documentos a anexar ao nosso <i>Dossier de Imprensa</i> , participação nos fóruns e contacto com os outros participantes (fase 4).
15 de Maio (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Plataforma Galanet</i> : edição da rubrica do <i>Dossier de Imprensa</i> da responsabilidade da nossa equipa, participação no <i>Fórum-Balanço</i> (fase 4).
22 de Maio (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Projectos de acção</i> : avaliação dos projectos e preparação da sua apresentação.
12 de Junho (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Projectos de acção</i> : conclusão da preparação da apresentação dos projectos.
19 de Junho (2h30: das 18h às 20h30)	- <i>Projectos de acção</i> : sessão pública de apresentação dos projectos e comentários.
26 de Junho (2h30: das 18h às 20h30)	- Avaliação da acção de formação.